

# A PERDA NA PERSPECTIVA DOS SISTEMAS FAMILIARES E O USO DE RECURSOS TERAPÊUTICOS NA TERAPIA DE FAMÍLIA COM CRIANÇAS

LA PÉRDIDA DESDE LA PERSPECTIVA DE LOS SISTEMAS FAMILIARES Y EL USO DE RECURSOS TERAPÉUTICOS EN LA TERAPIA FAMILIAR CON NIÑOS

LOSS FROM THE PERSPECTIVE OF FAMILY SYSTEMS AND THE USE OF THERAPEUTIC RESOURCES IN FAMILY THERAPY WITH CHILDREN

KÊNIA BICA  
VELLOZO <sup>1</sup>

ANTONIA SIMONE  
COELHO GOMES <sup>1</sup>

<sup>1</sup> CEFAL-BR - Centro de Estudos da Família, Adolescência e Infância; Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

**RESUMO:** Recurso terapêutico refere-se a qualquer abordagem, técnica ou estratégia utilizada no contexto da terapia para promover a saúde mental e bem-estar de uma pessoa. A escolha do recurso terapêutico depende do tipo de questões que estão sendo abordadas, do tipo de situação e da necessidade que o sujeito apresenta, além de refletir a abordagem adotada pelo terapeuta. No presente texto apresentamos o atendimento clínico de uma família com crianças que vivenciam uma situação de luto pela morte da avó materna. Sob a perspectiva da Terapia Sistêmica e dos estudos sobre o luto mostramos como o uso dos recursos terapêuticos, a exemplo do livro literário e do genograma lúdico, favorecem uma experiência de resignificação da perda e abrem um canal para seguir em frente. Este estudo narrativo/reflexivo visa contribuir com a prática de profissionais que lidam com famílias enlutadas que vivenciam a experiência de perda de uma pessoa significativa.

**Palavras-Chave:** luto; perda; famílias enlutadas; recursos terapêuticos.

**ABSTRACT:** A therapeutic resource refers to any approach, technique or strategy used in the context of therapy to promote a person's mental health and well-being. The choice of therapeutic resource depends on the type of issues being addressed, the type of situation and the subject's needs, in addition to reflecting the therapist's approach. In this text, we present the clinical care of a family with children experiencing grief over the death of their maternal grandmother. From the perspective of Systemic Therapy and grief studies, we show how the use of therapeutic resources, such as literary books and playful genograms, foster an experience of reframing loss and opens a channel to moving forward. This narrative/reflective study aims to contribute to the practice of professionals working with grieving families experiencing the loss of a significant person.

**Keywords:** grief; loss; bereaved families; therapeutic resources.

**RESUMEN:** Un recurso terapéutico se refiere a cualquier enfoque, técnica o estrategia utilizada en terapia para promover la salud mental y el bienestar de una persona. La elección del recurso terapéutico depende del tipo de problemas que se abordan, la situación y las necesidades de la persona, además de reflejar el enfoque del terapeuta. En este texto, presentamos la atención clínica de una familia con hijos en duelo por la muerte de su abuela materna. Desde la perspectiva de la Terapia Sistémica y los estudios sobre el duelo, demostramos cómo el uso de recursos terapéuticos, como libros literarios y genogramas lúdicos, fomenta un proceso de replanteamiento de la pérdida y facilita una superación. Este estudio narrativo/reflexivo busca contribuir a la práctica de los profesionales que trabajan con familias en duelo que experimentan la pérdida de una persona significativa.

**Palabras clave:** dolor; perdida, familias en dolor; recursos terapéuticos.

Recebido em: 05/05/2024  
Aceito em: 04/07/2025

<https://www.doi.org/10.38034/nps.v34i82.794>



A experiência de perda por morte e a vivência do luto impactam os membros da família de diferentes formas. De modo geral, as pessoas têm uma certa dificuldade em expressar as dores e o sofrimento relacionados à morte de uma pessoa significativa que envolve tanto o rompimento do vínculo afetivo quanto uma implicação de um conseqüente processo de separação e perda. Sob a definição de Walsh (2005), a perda na perspectiva dos sistemas familiares pode ser encarada como um “*processo transicional que envolve aqueles que morrem e os sobreviventes em um ciclo de vida compartilhado, reconhecendo tanto o caráter final da morte quanto a continuidade da vida*” (p. 165). Para a autora, a morte impacta a família “*como uma unidade funcional*”, altera o ritmo da vida, afeta o nível das relações e acaba por modificar e interferir na estrutura familiar.

Compreender o luto como uma experiência (Franco, 2021; Parkes, 1998) e um processo de construção do significado da perda envolve olhar para a experiência individual, para a dor e para o sofrimento de forma singular, considerando a ressignificação do mundo interno e uma reorganização de si e para a dinâmica dos relacionamentos, o que implica na construção de significado no qual o “*indivíduo pode se perceber como sendo o protagonista do seu luto, admitindo as mudanças decorrentes dele*”, como nos garante Franco (2021, p.60). Esse movimento nos convida a considerar o contexto mais amplo que envolve não só o vínculo existente na relação perdida, mas também os aspectos culturais, sociais e espirituais.

Para entender essa dinâmica, recorremos a Stroebe & Schut (1999), que enfatizam que o processo de luto não segue um padrão normativo e tampouco está relacionado a um tempo determinado para acabar. Para esses autores, a vivência do luto se ancora na exque sustentamional que se expressa pelas reações comportamentais e sociais que se dá na oscilação entre duas orientações psicológicas, uma em que aparece o sentimento voltado para a perda onde são nítidas as manifestações de raiva, tristeza, saudade, ansiedade, dentre outros aspectos e outra na qual é possível observar comportamentos e sentimentos que sustentam um projeto de restauração, o que significa um permitir-se de experiências alternativas, coerentes para lidar com a situação de reconstituição dos vínculos. Esse modelo, denominado de processo dual (Stroebe & Schut, 1999), ajuda-nos a entender como se estabelece o fluxo de experimentações, de idas e vindas em uma oscilação regulatória adaptativa de construção de significação da perda que imprime uma nova configuração emocional, dando seguimento à vida.

Em relação aos aspectos que dizem respeito às perdas na família, os estudos de Pereira et al. (2021) mostram que a morte que envolve uma figura próxima e de grande apego, como pais, avós, tios, geralmente é sentida profundamente e rompe com o equilíbrio do sistema familiar, sendo necessário uma reestruturação da dinâmica das relações, tendo em vista a posição e a função da pessoa falecida no sistema familiar. De modo geral, quanto mais central a posição da pessoa que morreu, maior serão vivenciados o pesar e a necessidade de respostas adaptativas, de modo a retomar as atividades de vida diária. Como assinala Kovács (2021), a morte de um ente querido é um fenômeno capaz de romper o equilíbrio familiar e as crianças costumam ser aquelas que acumulam as ansiedades dos adultos, o que nos leva a recorrer a Neimeyer (2016) ao alertar sobre o significado que a criança dá à morte, sendo este resultante das micronarrativas que consolida o entendimento que ela tem acerca dessa perda, o que tem a ver com a sua idade e o seu momento de desenvolvimento psicológico, como também com a forma com que os adultos vivenciam o luto. Nesse campo de construção de significado é preciso considerar a qualidade e a intensidade da relação tida pela criança com a pessoa falecida, entendendo que o medo da morte é originado

do medo de perder a pessoa amada e de romper os vínculos afetivos e de proteção. Seja qual for a perspectiva, o espaço da terapia passa a ser um espaço seguro para a criança explorar os sentidos atribuídos à perda de uma pessoa querida, na medida em que tem possibilidade de verbalizar a sua dor por meio de práticas lúdicas e o terapeuta pode acolher as preocupações acerca da morte, esclarecendo dúvidas e fazendo a inclusão da criança no processo do luto familiar, como nos afirma Hanna et al. (2020).

No trabalho terapêutico que tem por base o acolhimento da família, as micronarrativas cumprem o papel de dar forma e expressão ao repertório das emoções que estão armazenadas, e é possível que a tristeza, a dor e o sofrimento abram espaço para as lembranças do vivido, para a saudade, e seja explicitado o legado daquele que se foi. É nesse entrecruzamento que pensamos o processo terapêutico como um processo conversacional que oferece possibilidade de mudanças, e novos significados emergem e delineiam um novo caminho partilhado pelas trocas que acontecem entre os que participam, clientes e terapeuta. Esse modo de compreensão é fundamental para pensar as possibilidades da terapia de família com crianças dentro de uma perspectiva construcionista (Gergen & Gergen, 2010) de base colaborativa (Grandesso, 2020), o que significa afirmar que o significado é gerado nas relações. No atual enfoque, a criança passa a ser o parceiro conversacional e os recursos lúdicos ganham centralidade como forma de linguagem que auxilia na expressão dos pensamentos, emoções e experiências, ocorrendo um deslocamento da compreensão do mundo interior, individual para as produções discursivas.

Nesse processo, o destino da conversação não tem como ser previsto e a assim, terapeuta e cliente tornam-se parceiros em um processo dialógico em que a conversa se dá de um com o outro e não para o outro. O terapeuta transita na incerteza fazendo dela uma aliada para a curiosidade genuína, de escuta aberta para compreender o cliente em seus termos, assumindo assim, uma “*postura de não saber*” (Anderson & Goolishian, 2007).

Desse modo, o espaço terapêutico vai sendo construído em um *continuum* que diz respeito não só à promoção de um ambiente acolhedor a partir do estabelecimento de vínculos seguros, como também ao processo de um canal contingente de sentimentos e emoções em que sentidos são construídos-reformados-transformados-revisitados frente ao uso de recursos terapêuticos em que todos os participantes são convidados a acessarem a criatividade e a desenvolver suas potencialidades (London, 2015).

No estudo realizado sobre luto na infância e as estratégias utilizadas nos atendimentos terapêuticos, Pereira et al. (2021) evidenciam a necessidade de preparo técnico dos profissionais e sensibilidade para lidar com a subjetividade infantil e apontam que o cuidado com toda a família é essencial nesse processo. Sintonizados com esses princípios, este artigo tem por objetivo apresentar os recursos terapêuticos utilizados na terapia de família com crianças e analisar como estes favorecem uma experiência de ressignificação da perda e abrem um canal para seguir em frente.

## A FAMÍLIA CHEGA À TERAPIA

O caso clínico apresentado para este estudo foi realizado dentro da modalidade online e versa em torno de uma família constituída por um casal com dois filhos, um menino de 9 anos e uma menina de 7 anos, que vivem a experiência de perda da avó materna. D. Dirce faleceu em 2019, aos 84 anos, em decorrência de um infarto fulminante. Era hipertensa e fazia tratamento há algum tempo. O episódio ocorreu em casa, na presença das crianças.

Após o falecimento da mãe, R se submeteu a tratamento psicológico por se sentir deprimida. Tentou administrar a dor para não deixar transparecer seu sofrimento para os filhos. Com relação à morte da avó, os pais consideram que M, a filha mais nova, “*parece estar resolvida com isso*”, enquanto J apresenta crises de choro todas as vezes que a avó é mencionada em conversas ou quando é lembrada, fazendo com que o menino tenha dificuldade em participar das atividades na escola desde que o evento aconteceu na sua família.

Pelo que foi apresentado, apreendemos que a morte de D. Dirce impactou os membros desse sistema de forma diferente, cada um à sua maneira. No entanto, foi devido às crises de choro e a intensa manifestação de tristeza demonstrada por J que a mãe procurou a terapia de família. Um pequeno trecho da primeira sessão que aconteceu com o casal de pais ilustra esse momento:

Buscamos o atendimento para o meu filho mais velho por conta que começou ter crises de choro na escola. Ele já fez terapia antes, durante uns 4 a 5 meses, por causa dos tiques e ansiedade. Foi muito bom, mas os atendimentos finalizaram, em seguida teve a morte da minha mãe e depois a pandemia. A escola chamou para conversar, fez a indicação e eu achei interessante a proposta da terapia familiar, pois talvez o problema não esteja só nele.

É importante ressaltar, como faz Bromberg (2000), que ainda que a morte seja considerada como um fato natural, “*exige um grande esforço de adaptação às novas condições de vida, tanto por parte de cada um dos indivíduos afetados, como por parte do sistema familiar, que também sofre impacto em seu funcionamento e identificação*” (p.19). É preciso que o terapeuta esteja atento tanto ao fluxo de emoções flutuantes quanto ao sistema de crenças da família.

Prosseguimos refinando nossa curiosidade, no intuito de dar centralidade ao sistema de crenças e, assim, aproximarmos-nos de informações que nos levam ao contexto relacional, de modo a observar os padrões de interação decorrentes do funcionamento da família a fim de compreendermos a vivência de luto em seu meio. A sessão segue com R tendo espaço para compartilhar seus sentimentos em relação à perda de sua mãe:

Eu entrei em depressão. Estou em tratamento médico e fazendo terapia. Nos primeiros dias, eu tentei negligenciar a dor para deixar meus filhos bem. Eu acho que isso não foi bom, pois, depois, a dor veio ainda pior. Hoje eu estou um pouco melhor, mas ainda é difícil.

Para Kovács (2021), é de fundamental importância abordar o tema da morte de forma clara, de modo a ampliar os sentidos e concepções que fundamentam essa ideia e pressupõe o sofrimento inerente a uma perda significativa. Para a autora, engana-se quem acredita em silenciar, ignorar, ou mesmo fingir que a morte não existe, porque dificulta as formas de enfrentamento e sofre interferências do processo de luto.

Dentro de um canal estabelecido de uma escuta atenta, recorremos a G, pedindo que relatasse sua experiência em relação à perda da sogra.

Ela era como uma segunda mãe, morou conosco por 15 anos. Ver o sofrimento das crianças é difícil para mim... Lembro de que, quando perdi meu tio, sofri muito, mas hoje eu sinto saudades. Eu falo isso para o J, que com o tempo ele vai sentir saudade, e não dor.

Em relação ao processo de elaboração de luto na família, é de fundamental importância levar em conta os aspectos relativos ao histórico de perdas anteriores, a posição da pessoa no ciclo de vida familiar, os vínculos estabelecidos nas relações, aspectos que, associados, definem a intensidade e a maneira de como é sentida essa perda. É necessário também compreender a natureza dos significados atribuídos à morte e entender a própria representação da morte para cada pessoa, como nos assinala Kovács (2021).

Após a conversa com os pais, convidamos os filhos, J e M, para estarem presentes no próximo atendimento, o que abriria possibilidades para outra versão dos fatos e, certamente, ser construída uma nova narrativa acerca do impacto da morte na família. Ao chegarem à segunda sessão, perguntamos às crianças se sabiam o motivo de estarmos reunidos ali naquele momento, ao que J prontamente revela desconhecimento. A mãe se antecipa e explica a intenção de que todos da família estejam em terapia.

Conversei com ele que iríamos fazer um acompanhamento com todos juntos agora. Eu tentei pedir para J explicar para vocês o que angustia ele. Às vezes, quando conversamos, ele diz que não sabe dizer o sentimento que está incomodando.

Terapeuta: O que você acha dessa ideia, J? [Silêncio]

Terapeuta: A sua mãe falou em sentimento, o que isso quer dizer para você?

J: Quando eu fico nervoso, não sei que coisa fazer.

Terapeuta: Que coisa é essa que você está falando?

J: Eu não sei. Eu fico nervoso... com as coisas novas que eu não conheço. Começo a pensar um monte de coisas sobre a vó. Fico assim... sinto saudades.

Ao considerar a busca de terapia para o tratamento do luto, vemos a importância deixar clara a demanda da família para o atendimento, como também demarcar os aspectos que fazem parte da herança dos valores socioculturais, os costumes, os tabus, as experiências diretamente relacionadas com a morte, bem como os padrões de comunicação da família. A terapia da família continua tendo como foco os processos interativos, na busca de se compreender como emergem as formas específicas de funcionamento, das relações e, como tal, os significados atribuídos às práticas comuns cotidianas. Ao serem perguntados sobre o que gostavam de fazer em companhia da avó, o menino chora e diz que não vai conseguir falar. Em seguida, busca aconchego junto à mãe e ambos choram abraçados. Enquanto R consola o filho, a menina providencia um copo d'água para o irmão.

Aos poucos, a conversa avança em torno de narrativas que envolvem a experiência de perda. J retoma a palavra e começa a contar sobre a avó: *“Ela tomava conta da gente enquanto a mamãe trabalhava. Ela ficava com a gente conversando, contava histórias”*.

Continuamos na busca de identificar padrões e sentidos que sustentam um discurso dominante na família, o que nos fez adotar uma postura investigativa em torno do que gostavam de fazer em companhia da avó, o que levou J a voltar a chorar. Nesse momento, a terapeuta intervém e delicadamente diz: *“... sabe, J, quando, às vezes, bate esse nervoso, respirar, puxar o ar, pode acalmar. Quando fico nervosa, eu faço isso. Lembro de respirar assim, pausadamente”*. Juntos, terapeuta e família fazem

exercícios de respiração. J respira. A irmã pega um lenço e entrega a ele, que diz: “*Eu já consigo falar*”.

É certo que a intenção não era lançar mão de uma técnica, nem tampouco uma estratégia específica de resolução, em vez disso o que se estabelece é um movimento com base no processo de “*relacionar-se*”, que pressupõe uma postura empática no sentido “*de estar junto*”, estabelecendo um diálogo de interação, o que MacNamee (2020) denomina de presença radical, que significa não ter a preocupação em estar certo, mas em fazer-se presente de forma responsiva, tomando como prioridade a relação. Essa postura encoraja a curiosidade pela diferença, garante uma escuta generosa e possibilita uma abertura para manifestação de sentimentos, o que representa uma forma efetiva de estabelecer o diálogo em que os novos sentidos emergem. Com essa posição, busca-se garantir uma prática humanizadora em que profissionais e clientes constroem juntos um fazer ético-relacional, o que “*requer que abandonemos a confiança em princípios abstratos e códigos formais – não em uma tentativa de criar caos ou anarquia, mas, em uma tentativa para prestar atenção naquilo que está se desenrolando nos contextos específicos e relações nos quais nos encontramos*” (MacNamee, 2020, p.79).

É preciso, pois, que o terapeuta seja sensível às singularidades, levando em conta a dor da perda, o rompimento do vínculo e os danos causados pela separação. Só assim é possível desenvolver uma conexão suficientemente boa, a fim de manter o diálogo como uma forma de presença radical, movida por uma curiosidade genuína, respeitando as diferenças, o que exige amplitude de repertório destinado a conectar-se com o sistema de crenças da família.

Em relação ao caso apresentado para análise, o fato de J ser porta-voz da dor da família abriu um canal de comunicação clara para que todos pudessem partilhar suas experiências de perda, na tentativa de buscar saídas coerentes para lidarem com a realidade. Walsh (2005) sinaliza os benefícios de se compartilhar de forma clara as experiências referentes à morte durante o processo terapêutico, especialmente com crianças amparadas por um clima de confiança, empatia e tolerância. Em relação à morte, a autora nos diz:

Tento ajudar a família a encontrar maneiras de falar sobre o que não consegue falar - a ameaça da perda e as muitas outras preocupações – e conversar sobre isso com as crianças de formas adequadas à idade, que não as sobrecarreguem nem as superprotejam. (Walsh, 2005, p. 173)

Na perspectiva de compreender os sentidos e os significados atribuídos à vivência do luto, Walsh (2005), assegura que “*enfrentar a perda implica em encontrar maneiras de extrair significado da experiência da perda, colocá-la em perspectiva e seguir a vida*” (p.171). A autora nos leva a refletir sobre as respostas diante dessa experiência que se assenta no princípio da resiliência, o que não significa deixar a dor para trás, mas sim tem o aporte ancorado no sentido de construção de uma nova realidade, que consiste em adaptar-se à nova situação, amparado na experiência de vínculos que podem ser preservados por meio das lembranças, dos legados, das memórias afetivas.

Quanto ao significado de enlutar-se, Bartholo (2010) defende que a terapia tem se mostrado um espaço potente, propício para acessar vozes internas que contribuem para afastar mitos e estigmas em relação à morte, quanto fortalece ações que levam ao enfrentamento. Nesse âmbito, o espaço terapêutico se torna um canal de acolhimento de pessoas enlutadas em que “*os espaços de conversa se apresentam como possibilitadores de conexões com recursos próprios ainda não experienciados, portanto, não reconhecidos*” (p.301). Nesse sentido, entendemos o processo terapêutico como um espaço de conversação que proporciona falas do ainda não-dito, o que permite “*ajudar o(a) cliente a se reorientar em relação aos fatos já existentes e ajudá-lo (a)*

*a mudar suas expectativas, de uma forma que possa abrir espaço para a esperança”* (Grandesso, 2020, p. 159).

Entendendo que nos atendimentos de famílias com crianças é importante cultivar a sensibilidade, a ludicidade, a criatividade, a intenção era ampliar a nossa forma de atuação e lançar mão de outras linguagens terapêuticas, a exemplo do uso de recursos terapêuticos como o livro infantil e o genograma lúdico a fim de que pudéssemos ativar um canal de conexão e expressão das emoções. O intuito era tanto favorecer o clima de espontaneidade, levando em conta que as crianças muitas vezes entram em contato com suas vozes internas por meio de representações imagéticas, como também propiciar trocas de informações.

## O USO DO LIVRO COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA TERAPIA DE FAMÍLIA COM CRIANÇAS

Passamos a considerar o livro literário como instrumento capaz de favorecer a abertura de um canal de comunicação que facilita não só na criação do vínculo, como também permite às crianças o lugar de sujeito ativo e competente na sessão. Como nos dizem Tholl & Beiras (2017), a utilização de recursos lúdicos na conversação com crianças significa, por um lado, uma forma de despertar o interesse e a colaboração no processo terapêutico, por outro, o lúdico amplia o repertório emocional da criança e favorece o processo de identificação e expressão de suas emoções. A escolha do livro literário se deu por tratar a temática do luto com sensibilidade, utilizando linguagem metafórica e acessível, o que permite à criança estabelecer conexões com suas experiências de maneira segura e respeitosa.

Do ponto de vista dos recursos técnicos facilitadores no processo terapêutico, o livro comprovadamente se apresenta como uma *“ferramenta conversacional”* (Cesar, 2012). As imagens, em especial as ilustrações contidas nos livros infantis, são importantes e reconhecidas pelo seu caráter simbólico capaz de acessar os sentimentos e emoções no trabalho com o luto na/da família (Leguiça, 2025). Ancorados nessa premissa, lançamos mão de *“O pequeno livro dos aprendizados do Luto”* (Imagem 1), escrito pelo jovem Davi Kanaan (2021), que contempla a temática da morte e possibilita o estabelecimento de conversas acerca do luto na família, entendendo que *“o livro literário pode ser considerado como um potencial gatilho para despertar emoções e sentimentos relacionados ao tema da morte”* (Leguiça, 2025). De posse desse material, fomos para o quarto atendimento com o nosso olhar direcionado, tanto para a história dos vínculos construídos ao longo do ciclo de vida como também para a percepção de como foram

**Imagem 1 - O pequeno livro dos aprendizados do luto;**



Fonte: Acervo das autoras

vivenciados os rituais de despedida que legitimam o sentimento de tristeza diante da morte – o que certamente permitiria perceber a perspectiva relacional e social dos processos subjetivos dessa família.

A sessão teve início. O título foi o disparador da conversa, levando-nos a perguntar se conheciam o significado da palavra LUTO, o que J prontamente respondeu não saber, assim como também a irmã. Detivemo-nos em explicitar que luto é um processo que se dá frente a uma perda significativa, especialmente diante da morte. Sinalizamos que o livro irá contar a história de Davi e vai mostrar como ele vai lidar com uma situação de perda.

A leitura se deu em meio a pequenas pausas para acolher a tristeza e o choro do J. As imagens intercalam as lembranças dos bons momentos vividos entre Davi e seu pai, quando de repente aparece a imagem da cadeira do pai vazia, que significa a perda. A emoção envolveu a todos e, assim, a história de Davi serviu como consolidação de significado para a experiência do luto.

Na página seguinte, a palavra MORTE aparece em destaque, centralizada e em letras bem grandes, causando um certo impacto, como pode ser observado no trecho a seguir:

Terapeuta: O que aconteceu com a família?

J: [Choro]

Terapeuta: Para você, R, o que você sente?

R: Tristeza, dói.

M: Sinto a mesma coisa que a mamãe. [Silêncio]

Terapeuta: J, quando você pensa na palavra morte. Que pensamento vem?

J: [Choro]

Terapeuta: Estamos pertinho de você. Trouxemos essa história para conversarmos sobre esse assunto, sobre a morte. Queremos apresentar como que o Davi, nessa história, vivenciou a morte do pai.

Mantendo a calma, seguimos em frente, as crianças retomam o olhar em direção ao livro e se deparam com a figura do Davi, que se encontra com uma aparência confusa e preocupada diante de tantas emoções que se misturam em sua mente: DOR, TRISTEZA, RAIVA, SOLIDÃO, DESESPERO, ANGÚSTIA, ESPERANÇA, PACIÊNCIA, CORAGEM, ALEGRIA, AMIZADE, CALMA, AMOR.

Percebemos que a imagem do Davi ali representado no centro da página com as palavras ao redor de sua cabeça causaram um certo impacto em J. Iniciamos uma reflexão de como o fluxo das palavras orienta tanto para a direção dos sentimentos que provocam dor, raiva e solidão, ao mesmo tempo seguem para uma outra direção e despertam outros sentimentos que se relacionam a boas lembranças, como alegria, amizade e amor, compondo, assim um legado construído a partir dos momentos significativos vividos com o pai.

Passo a passo, o percurso constituído pelo contexto narrativo e as ilustrações permitiram acionar algumas questões: quais momentos vividos com a avó são lembrados



com alegria? Que lembranças foram marcantes entre a avó e os netos? O que D. Dirce deixou de legado para a família?

As memórias e lembranças afetivas foram acionadas no intuito de preservar os vínculos e as relações de afetos por meio das recordações do vivido, mostrando que o enlutamento acontece a partir da expressão de sentimentos e emoções, abrindo espaço para novas possibilidades de narrativa e múltiplas vivências. Ainda que seja comum as pessoas julgarem que para viver bem um luto é preciso “deixar ir” a pessoa que morreu, entendemos que *“aproximar-se da identificação do papel potencialmente enriquecedor de manter laços continuados com a pessoa que faleceu”* (Fareez, 2019, p. 7) é algo mais eficaz para elaborar o luto.

Como nos orienta Jin Wilson (2012), o objetivo principal da prática é encontrar formas de criar contextos de participação com atitude criativa, lúdica, que promova improvisação e novas possibilidades de conexão. Caminhando nessa direção, de forma cuidadosa e acolhedora, abrimos caminhos para vivenciar o processo do luto, autorizando-os no resgate de boas memórias, dando mais leveza à essa situação. Viver o luto significa viver a dor da perda e expressá-la. Nesse sentido, a história do menino Davi, que perdeu o pai, serviu como *“um processo de produção de sentido dentro de um sistema de significados partilhados”* (Hall, 2016).

Vale destacar que a exploração do livro literário permitiu não só dar visibilidade aos sentimentos que envolvem o fenômeno da perda, como também abriu espaço para expressão de emoções silenciadas. Em seguida, passamos para uma nova etapa, tendo como foco a ampliação da história da família tendo em vista a dinâmica das relações familiares; para tal, recorremos ao uso do genograma.

## O GENOGRAMA E A DINÂMICA DA TROCA DE CADEIRAS COMO RECURSOS TERAPÊUTICOS

Genograma é um recurso que se apresenta sob a forma de um diagrama esquemático que lista os membros da família e seus relacionamentos. Pode-se, por meio desta ferramenta, descrever a evolução histórica de uma família considerando pelo menos três gerações (Nichols & Schwartz, 2007a/2007b). A possibilidade de confeccionarmos o genograma neste atendimento se apresentou como uma oportunidade de conhecer as histórias da família, ao mesmo tempo que de perceber como lidaram com as perdas anteriores, além de entender os impactos advindos com a morte de D. Dirce. As palavras de Andolfi (2019) complementam:

O genograma é a representação gráfica da árvore genealógica e uma maneira de descrever a evolução histórica de uma família considerando pelo menos três gerações. O terapeuta relacional pode usá-lo para obter informações e enriquecer descrições verbais do paciente através de uma representação visual e gráfica do sistema familiar. (Andolfi, 2019, p. 80)

Para desenvolvermos o trabalho com essa família, foi pensado a construção de um genograma lúdico, o que significou uma adaptação ao recurso original trocando o uso do círculo e do quadrado, usados para representarem, respectivamente, mulher e homem, pela imagem de uma figura de silhueta feminina e masculina. Levando em consideração que as sessões de terapia aconteceram de forma remota, tínhamos que pensar na melhor maneira de propor a atividade, de modo que todos participassem de forma ativa e colaborativa. Para atender a essas condições, tivemos a ideia de enviar as figuras para que fossem impressas, recortadas e até coloridas antecipadamente pelas crianças.

A participação de todos foi fundamental para a materialização desse projeto. Assim, o genograma foi ganhando forma. A proposta de construção do genograma lúdico não só proporcionou o resgate dos padrões de interação dentro do ciclo de vida da família, como foi possível verificar a reorganização dos papéis e configuração da história familiar e dos relacionamentos estabelecidos com os demais membros da família. (Imagem 2)

**Imagem 2 - Material confeccionado pela família em sessão de terapia on line – Junho 2022**



Fonte: Acervo das autoras

As conversas tecidas ao longo da construção do genograma deram visibilidade às estratégias utilizadas na rotina familiar no sentido de readaptação às situações do dia a dia, após a perda da avó, a exemplo do preparo das refeições e referentes à organização para levar e buscar as crianças da escola. Outro ponto diz respeito a **R** entrar em contato com os familiares que moram distante, demonstrando um nítido interesse em preservar o legado deixado pela mãe no que tange a manter a união da família. A construção do genograma lúdico trouxe à tona relações que permitiram acessar as histórias do passado ao serem ressignificadas no presente, abrindo espaço não só para a elaboração do sentido de ausência, mas, especialmente, também para estabelecer uma conexão entre o que se foi e conseguir projetar o futuro.

As conversas promovidas a partir do genograma permitiram vir à tona a percepção de que o luto pela morte de um ente querido envolve lidar com o pesar dos outros membros da família, abrindo assim um canal de reposicionamento diante da perda da avó, além de colocar em foco os vínculos estabelecidos com os outros familiares. Esse movimento aconteceu, considerando-se as características de cada sujeito, as crenças da família, os padrões de relacionamento. Desataca-se que o terapeuta deve buscar entender esse importante processo e estar atento ao cenário que se delineia no campo terapêutico, de modo a perceber as especificidades que envolvem as famílias enlutadas.

No decorrer das sessões, observamos uma certa repetição na forma como os membros da família se posicionavam diante da tela. Frequentemente, colocavam-se da seguinte forma: **M** se mantinha em uma extremidade, **J** localizado no meio e a mãe se posicionava no outro extremo. O pai, quando participava do atendimento, acessava do seu celular, já que nesse horário estava no trabalho. A partir da constatação dessa

permanente configuração, pensamos que a mudança de lugares poderia propiciar um movimento ativo na família, o que nos fez recorrer à Minuchin, que chama a atenção para as posições dos membros da família em relação ao paciente identificado quando diz que

o sintoma revela a forma como cada um dos membros da família se posiciona em relação ao paciente identificado: ele, de alguma forma, organiza a disposição da estrutura familiar que o terapeuta mais tarde se empenhará em desestabilizar para permitir o desaparecimento do sintoma. (Minuchin, 1990, citado por Goldbeter & Merinfeld, 1988, p. 229-230)

Andolfi (2019) referenda que a mudança de lugares na terapia representa a possibilidade de um movimento ativo na família, de modo que essa abertura ocasionada pelo novo posicionamento relacional oportunize uma nova forma de comunicação: *“aproximar um casal ou um adolescente e um pai no momento em que algum nível de comunicação tenha sido aberto entre os dois, servirá para reforçar o início de um acordo recém alcançado, após um período, talvez, longo e cansativo de distância emocional”* (Andolfi, 2019, p. 177).

Com base nessas referências teóricas, partimos para a 11ª sessão com a intenção de propormos a dinâmica da troca de cadeiras ou a brincadeira da “dança das cadeiras”, de modo que, de forma lúdica, pudéssemos ocasionar a troca de lugares e fomentar uma transformação no funcionamento da família. A brincadeira propiciou não só um reposicionamento dos lugares como, sobretudo, despertou reações e manifestações no grupo familiar. Observamos que, ainda que sob protestos, J se posicionou em uma das extremidades, enquanto a irmã passou para a cadeira do meio, permanecendo ao lado da mãe. Configurou-se, portanto, uma outra cena no espaço terapêutico, o que levou, naturalmente, à mudança no direcionamento do foco da conversação, cujo alvo se voltou para M. Durante a conversa, a mãe sinalizou um fato importante em relação ao comportamento da filha: *“quando tem vontade de chorar ela se esconde, ao contrário do J, que vem chorar em meu colo”*. Nessa fala, ficou evidenciada a forma como M manifesta seus sentimentos em relação à perda da avó, em nítido contraste com o comportamento do irmão. Segundo Franco (2021), o luto é vivido tanto de modo individual como no âmbito familiar. *“Uma perda afeta a todos de modo sistêmico. Os desafios que se apresentam para a família ao enfrentarem um luto passam pelo grau de tolerância à dor e ao sofrimento de cada um e de todos”* (p.94).

O que se pôde observar a partir das narrativas expressas na sessão de terapia é que, à medida que a dor de J foi significada/reconhecida, abriu-se um canal de comunicação expressivo para a filha mais nova se manifestar, o que fez com que M pudesse falar sobre seus temores acerca de perder os pais e trouxe à tona uma outra forma de compreensão das reações acerca da morte. A constatação de que a experiência de luto se dá de forma diferenciada e que a resposta adaptativa acontece de acordo com a experiência em construir vínculos fez com que um trabalho voltado para a regulação das emoções tivesse lugar nessa sessão.

Utilizar, pois, a dinâmica da troca das cadeiras como recurso terapêutico, nos faz lembrar que os processos não se restringem ao uso racional das práticas, levando em consideração somente a linguagem verbal. Há expressões no corpo que significam uma linguagem simbólica que comunica muito e nos abre possibilidades de produzir novos significados.

Na 14ª sessão, fomos surpreendidos com a mudança natural em relação aos lugares ocupados na sessão com a mãe posicionada em lugar central, sentada entre os filhos, mostrando como é possível gerar um novo movimento. Como observação

final, podemos considerar que fazer uso da metáfora da “*dança das cadeiras*” como um recurso que remete à ideia da vida que está sempre em movimento oportunizou a vivência encarnada de um processo que envolve a experiência de perda de uma posição para o reposicionamento em outro lugar.

Como visto até aqui, na busca de construir um atendimento que atendesse às demandas da família, recorreremos a diferentes recursos terapêuticos na intenção de propiciar uma dinâmica relacional que possibilitasse não só uma conversa sobre a morte, mas sobretudo a ressignificação do sentimento de perda no sentido de seguir em frente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte é um fenômeno que, apesar de fazer parte do ciclo natural, exige atenção e cuidado, pois pode ser considerado um dos mais difíceis processos de transição ao longo da vida. No estudo apresentado, a chegada da família na terapia por meio do sintoma de J indicava que algo não estava bem, mas, ao longo do processo terapêutico, foi visto que ele era a porta de entrada para acessar a família. Viu-se o luto como um fenômeno inter-relacional instaurado na dinâmica familiar, em que o sofrimento de J sinalizava para como o sistema estava paralisado diante da dor, o que nos levou a desenvolver um trabalho na direção de elaboração do sentimento de perda.

Considerando que a experiência da morte em geral rompe com o equilíbrio do sistema familiar e que as reações emocionais são construções subjetivas, estabelecer uma condição de perda e encontrar formas de extrair significado da experiência foi um dos passos significantes da família em atendimento, o qual se deu ao longo do período de cerca de 18 sessões. Nesse cenário, viu-se que a terapia de família com crianças se consolidou como espaço de possibilidades e de comunicação aberta, em que o uso do livro literário, o genograma lúdico e a brincadeira da dança das cadeiras, utilizados como recursos terapêuticos, serviram como meio de expressão das emoções e sentimentos, abrindo um canal ativo de adaptações do sistema às novas condições de vida, seja no aspecto individual ou no sistema familiar.

O trabalho com famílias enlutadas desenvolvido com base na ludicidade propicia acesso livre a uma linguagem simbólica que abre não só o caminho da conversa mais leve acerca da perda, mas sobretudo possibilita identificar e reconhecer as emoções e criar um espaço para expressão do não dito. A escuta sensível e o acolhimento potente se apresentam como elementos definidores de um efetivo estar junto, passível de ressignificação da dor dentro de uma perspectiva ética relacional que corrobora de forma positiva o trabalho do luto e de seguir em frente. Esperamos que nosso estudo possa contribuir para os enfoques que envolvem a realidade de famílias enlutadas em situação de terapia na medida em que os recursos aqui apresentados se apresentam como materiais potentes que abrem espaço para a escuta e asseguram às crianças autonomia e liberdade de expressão de pensamentos e sentimentos.

## REFERÊNCIAS

- Anderson, H., & Goolishian, H. (2007). O Cliente é o especialista – Uma abordagem para terapia a partir de uma posição do não saber. *Nova Perspectiva Sistêmica*, v.27, p.66-81.
- Andolfi, M. (2019). *A Terapia Familiar Multigeracional: instrumentos e recursos do terapeuta*. Belo Horizonte: Ed. Artesã.

- Bartholo, M. H.** (2010). Trabalhando o luto com a criança e sua família: a criança que tinha soluços. In: Ladvoat, C. (Org.). *Psicologia: Campo de Atuação, Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Editora Booklink.
- Bromberg, M. H. P. F.** (2000). *A Psicoterapia em situações de perdas e luto*. Campinas: Editora Livro Pleno.
- Cesar, A. B. C.** (2012). Que linguagem é essa? O brincar em terapia familiar com crianças. In: Cruz, H. M. *Me aprende? – Construindo lugares seguros para crianças e seus cuidadores*. São Paulo: Roca.
- Fareez, M.** (2019). A certidão de vida: uma ferramenta para trabalhar o luto em Singapura. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28 (63), p.5-20.
- Franco, M. H. P.** (2021). *O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno*. São Paulo: Summus.
- Gergen, K. J., & Gergen M.** (2010). *Construcionismo Social: um convite ao diálogo*. Instituto Noos.
- Goldbeter & Merinfeld.** (1988). A abordagem Estrutural na Terapia Familiar. In: Elkaim, M. *Panorama das Terapias Familiares. Vol 1*. São Paulo: Summus Editora. P.225-257.
- Grandesso, M. A.** (2020). A Poética da conversação Terapêutica. In: Grandesso, M. A. *Colaboração e diálogo: aportes teóricos e possibilidades práticas*. CRV.
- Hall, C.** (2016). Bereavement theory: recent developments in our understanding of grief and bereavement. *Bereavement Care*, 33 (1), p.7-12.
- Hanna, J. R., Mccaughan, E., Beck, E. R., & Semple, C. J.** (2020). Providing Care to Parents Dying from Cancer with Dependent Children: Health and Social Care Professionals Experience. *Psycho-Oncology*, 30 (3), Chichester, p.331-339.
- Kanaan, D.** (2021). *O pequeno livro dos aprendizados do luto*. Rio de Janeiro: PinCéu.
- Kovács, M. J.** (2021). *Educação para a morte: quebrando paradigmas*. Novo Hamburgo: Sinopsys Editora.
- Leguiça, M. L.** (2025). *Repertórios emocionais na infância: diálogos para a formação docente scripts de gênero, literatura infantil e morte na construção de repertórios emocionais na infância: diálogos para a formação docente*. (Tese de doutorado). Universidade do Estado do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Educação. PPGEDU.
- London, S.** (2015). Quem é o cliente?: criando cliente? para a terapia colaborativa com crianças e suas famílias. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 24 (52), p.25-32.
- MacNamee, S.** (2020). Profissionais como pessoas: encontros dialógicos para transformação. In: Grandesso, M. *Colaboração e diálogo: aportes teóricos e possibilidades práticas*. CRV.
- Nichols, M., & Schwartz, R. C.** (2007a). Terapia Sistêmica de Bowen. In: *Terapia Familiar Conceitos e Métodos*. Porto alegre: Artmed. P.136-157.
- Nichols, M., & Schwartz, R. C.** (2007b). Terapia Familiar Estratégica. In: *Terapia Familiar, Conceitos e Métodos*. Porto alegre: Artmed. P.157-178.
- Neimeyer, R. A.** (Org.). (2016). *Techniques of grief therapy: assessment and intervention*. Nova Iorque/Londres: Routledge.
- Parkes, C. M.** (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. 3. ed. Novas Buscas em Psicoterapia. São Paulo: Summus,
- Pereira, L. A. G., Barros, D., & Klinger, E. F.** (2021). Atendimento ao luto na infância: percepções e estratégias utilizadas pelo psicólogo. *International Journal of Development Research*, 11 (11), 52204-52212.
- Stroebe, M. S., & Schut, H.** (1999). The dual process model of coping with bereavement: rationale and description. *Death studies*, 23 (3), p.197-224.

**Tholl, F. & Beiras, A.** (2017). Terapia familiar com crianças: a importância da interlocução teórico-prática para a superação dos desafios no processo de formação do terapeuta. *Nova perspectiva Sistêmica*, 26 (58), São Paulo, p.86-97.

**Walsh, F.** (2005). *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Roca.

**Wilson, J.** (2012). A Arte do brincar? Características de orientação para o profissional que trabalha com crianças e família. In: Cruz, H. M. *Me aprende? – Construindo lugares seguros para crianças e seus cuidadores*. São Paulo: Roca.

---

### **KÊNIA BICA VELLOZO**

Pedagoga, Arteterapeuta e Terapeuta de Família e Casal, com mais de 20 anos de experiência na Educação Infantil e Ensino Fundamental. Atua com atendimentos terapêuticos desde 2017 e atualmente é supervisora pedagógica em escola no RJ. Investimento contínuo em formação para qualificar práticas educativas e terapêuticas. <https://orcid.org/0009-0008-5856-4809>

E-mail: [keniabvl@gmail.com](mailto:keniabvl@gmail.com) / [keniabicavellozo@gmail.com](mailto:keniabicavellozo@gmail.com)

### **ANTONIA SIMONE COELHO GOMES**

Terapeuta de Família e Casal. Membro Docente do CEFAI-BR -Psicóloga com PósDoutorado em Educação pela UERJ. Doutora em Educação pela UFMG. Especialização na área de automutilação, prevenção e posvenção do suicídio pelo instituto Vita Alere.

<https://orcid.org/0000-0002-5840-0328>

E-mail: [antoniasimone.gomes@gmail.com](mailto:antoniasimone.gomes@gmail.com)